

não faz nada.

De repente, ele se afasta de mim em um borrão, e naquele momento, eu consigo entender onde estou. Estou em uma sala sem janelas com paredes brancas, a única luz vem de velas colocadas aqui e ali. Apesar da dor

e confusão, sinto orgulho de mim mesmo por reconhecer o que essas coisas são.

Minha amizade com Jorge, o filho do construtor de barcos, não foi em vão.

O homem volta para o meu lado, um barulho pesado enquanto ele ajusta uma corrente em sua mão, como aquela com a qual um navio ancoraria, mas mais fina.

Antes que eu possa descobrir o que ele está prestes a fazer, ele estica a corrente entre as mãos e a empurra em meu rosto, pressionando-a entre meus lábios.

Solto um rosnado, sentindo gosto de ferrugem, o metal frio, machucando meus dentes.

Ele

rapidamente puxa a corrente para trás até minha cabeça bater na madeira atrás de mim, então

enrola a corrente até que eu esteja presa no lugar.

Ele me diz algo com uma voz profunda e áspera que faz pequenas saliências aparecerem na minha carne, mas não consigo entender o que ele está dizendo.

"Ou você fala espanhol?", ele diz, olhando direto nos meus olhos até que eu começo a me sentir um pouco tonta, embora talvez seja a perda de sangue que jorra dos meus pulsos para as taças de prata abaixo. Então, ele balança a cabeça.

"É

claro que você não consegue entender o que estou dizendo."

Mas eu entendo o que ele está dizendo, pelo menos agora. Ele está falando uma língua humana que Jorge conseguiu me ensinar durante aquelas noites em que eu o encontrava

no estaleiro, quando aprendi tudo o que pude sobre os humanos e seu mundo na chance de que isso pudesse de alguma forma me levar à minha irmã. Não que eu possa informar o homem sobre isso quando estou amordaçada com uma corrente, e não que eu queira ter conversas com esse monstro.

Ele dá um passo para trás e me olha, como se estivesse admirando o que fez comigo. Como se ele tivesse criado arte a partir da minha dor.

Seus olhos azuis encontram os meus, a cor do oceano frio perfurado pela luz do sol, e espero que ele consiga ler toda a animosidade no meu próprio olhar. Esta não é a primeira vez que sou mantido em cativeiro, mas é a primeira vez que é em terra. Embora eu possa sobreviver fora da água por longos períodos de tempo, eu vou eventualmente secar e morrer se não me molhar. Não acho que esse homem saiba disso, e não tenho certeza se ele se importaria.

O homem assente pensativamente, como se entendesse isso, e então ele gesticula para meus pulsos. O sangue diminuiu para um fio, acumulando-se nas taças de prata, e ele se abaixa para pegar uma.